

# FOTOCINE

*Boletim*

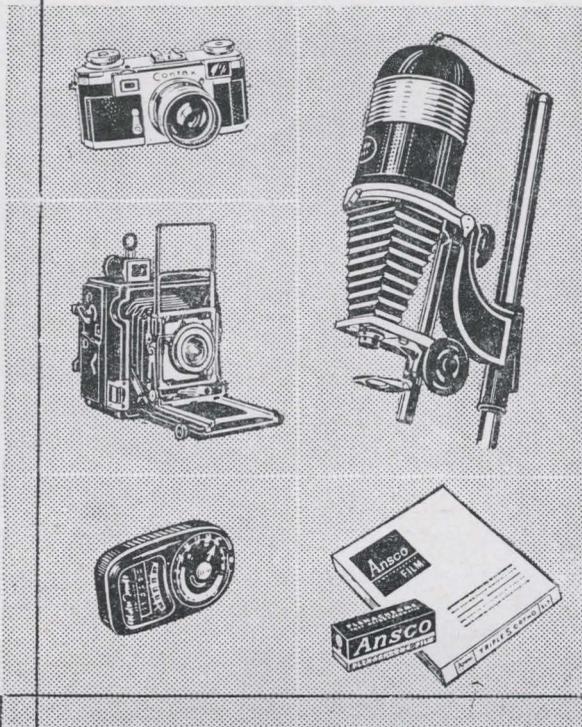
ANO VI — N.º 69/70

JANEIRO — 1952  
FEVEREIRO



# tudo para fotografia

Profissionais e amadores encontrarão em nosso grande e variado estoque, de artigos das melhores marcas e procedências, tudo que possam desejar para fotografia. Dispomos, igualmente, de laboratório fotográfico tecnicamente aparelhado para revelações "GRÃO-FINO" e ampliações "INDIVIDUAIS".



- VENDAS A PRAZO PELO CRÉDI-MESBLA
- DESCONTOS A REVENDEDORES

DEPARTAMENTO CINE-FOTO

## MESBLA

Rua 24 de Maio, 141 - S. PAULO

RIO DE JANEIRO - PORTO ALEGRE - RECIFE - BELO HORIZONTE - VITÓRIA - NITERÓI - PELOTAS - MARÍLIA

# ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

Comunica aos seus distintos clientes que acaba de receber da  
Alemanha e dos Estados Unidos

Filmes e Papeis AGFA e KODAK

(importação própria)

bem como grande sortimento de tôdas as marcas de  
aparelhos fotográficos desses países.

x) Descontos especiais aos sócios do Foto-cine Clube Bandeirante.

# ÓTICA FOTO-MODERNA

R. Marconi, 44 — Fones: 34-7582 e 32-9197

SÃO PAULO — BRASIL



*é gostoso escovar  
os dentes com  
GESSY*

... E ASSEGURA

**PROTEÇÃO TOTAL**

PORQUE TEM

**AÇÃO EXPANSIVA**



CREME  
DENTAL

**GESSY**

SABÕES \* TALCO \* CREME DENTAL \* SABONETES \* ÓLEO \* BRILHANTINA





Diretor Responsável:

**Dr. Eduardo Salvatore**

Diretor de Redação

**Dr. Jacob Polacow**

Colaboradores:

**Aldo A. de Souza Lima****Antonio S. Victor**

Correspondentes no

Estrangeiro:

**Alejandro C. Del Conte,**  
Buenos Aires, Argentina**Marius Guillard**  
Lion, França**Domenico C. Di Vietri**  
Roma, Itália**Ray Miess**  
Wisconsin, Estados Unidos**Georges Avramescu**  
Arad, Rumania

Redação e Administração:

**R. São Bento, 357 - 1.º and.**  
**São Paulo — Brasil****NOSSA CAPA**

Foto de

**EDUARDO SALVATORE****SUMÁRIO**

	Pg.
A NOTA DO MÊS .....	5
OPINIÕES .....	6
ALVARO GUIMARÃES JR.	
FORMA .....	12
GUILHERME MALFATTI	
RETRATOS EM ESTUDIO COM MÁQUINA MINIATURA .....	19
GEORGE AVRAMESCU	
O QUE É O "CORTE DE OURO?" .....	24
JOHN S. ECHERSLEY	

— ◆ —

ATIVIDADES FOTOGRAFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS — SALÕES — VÁRIAS.

— ◆ —

Exemplar avulso em todo o Brasil ..... Cr.\$ 5,00  
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro ..... Cr.\$ 60,00  
Para o exterior ..... Cr.\$ 100,00

**ÓRGÃO OFICIAL DO FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE**

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expandidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhanda, 316, Fone 32 0937, S. Paulo, Brasil.

# SOCORRO MECÂNICO

# GRATIS!

é apenas uma das muitas vantagens garantidas aos nossos sócios!

Economise muito dinheiro com seu carro tornando-se sócio do Automóvel Club do Estado de São Paulo; com a modesta anuidade paga, V. S. receberá muitas vezes multiplicada a importância dispendida, pelas muitas vantagens que lhe são oferecidas

## POSTOS DE ASSISTÊNCIA EM:

S. PAULO: R. Martim Francisco, 53  
Fone: 52-5713

SANTOS: R. Senador Feijó, 215  
Fone: 2-5682

CAMPINAS: Será instalado brevemente.

## Para bem servi-lo

Departamento de Socorro Mecânico - Departamento Jurídico  
Departamento de Seguros e Acidentes - Departamento de  
Informações - Departamento de Turismo - Departamento de  
Despachos - Departamento de Mensageiros - Departamento  
do Interior - Departamento de Oficinas,  
Garagens e Postos de Serviço.



## AUTOMÓVEL CLUB DO ESTADO DE SÃO PAULO

o mais completo serviço de assistência mecânica do Brasil

FUNDADO EM 1935

## A Nota do Mês

Uma revista atrazada é meia revista, por isso tem sido enorme a nossa preocupação nos últimos meses, com o atrazo que se vem verificando na publicação dêste Boletim.

Cabe, no caso, a velha história do comandante de fortaleza que em seu relatório mencionou catorze motivos de não ter feito fogo sôbre o navio inimigo; o primeiro era de que não havia polvora nos paióis, á vista do que, os outros treze passaram a não interessar. Nós também poderíamos, a guiza de justificativa, enumerar uma série de razões plausíveis e convincentes que nos impediram, nos últimos tempos, de manter a pontualidade que constituiu o nosso galardão durante meia dúzia de anos. Basta, entretanto, mencionar a primeira — a enorme dificuldade na obtenção de papel adequado e que respondesse á especificação de qualidade consentânea á natureza desta publicação, proporcionando o máximo de fidelidade na reprodução de fotografias artísticas.

Felizmente, vimos de superar essa dificuldade, o que nos permitirá não sòmente atualisar a expedição da revista, como introduzir melhoramentos substanciais na distribuição da matéria e aprimoramento na clícherie.

O mal, assim, converter-se-á em bem, pois o período angustioso por que passámos nos fez redobrar os esforços para atender aos reclamos de um público leitor conciente, quebrando dêsse modo a rotina para que tende o empreendimento.

Faremos, pois, uma condensação dos números de janeiro-fevereiro, bem assim, os de março-abril para iniciarmos em maio próximo a edição em formato maior e de acôrdo com as mais recentes normas publicitárias e de impressão que estão ao nosso alcance.

Esperamos, dêsse modo, compensar os nossos leitores e anunciantes pela benevolência, compreensão e solidariedade que nos hipotecaram desde os primórdios da existência desta revista.

# Opiniões...

AVANÇO OU RETROCESSO?

ALVARO GUIMARÃES JR.

## I

"For aeons, if science speaks truly, ou earth, to human perception at least, stood stark and naked, a mineral mass. In the process of time this seeming mineral mass clothed itself in life, in sensitivity, in mind." (1)

RICHARD A. WILSON — "The Miraculous Birth of Language", with a preface by George Bernard Shaw, — Philosophical Library — New York, 1948; pp. 194/5.

§ Quando em artigo anterior (SUBSÍDIOS PARA A FOTOGRAFIA DE CRIANÇAS: A Questão do Fundo na Fotografia Monocromática) tocámos na questão de retratos formais e instantâneos restringimo-nos ao estritamente necessário, não só por êste tópico já haver sido comentado por muitos mas também por ser inoportuno desenvolvê-lo por fugir ao escopo principal do artigo: o fundo em si. Limitamo-nos à pequena citação para esclarecimento aos leitores menos versados no assunto. Não obstante tratar-se de fotografia de crianças nem sequer imaginávamos, então, constituir ponto controverso, no momento que terminávamos o artigo e defendíamos a tendência moderna de captar e registar os traços fisiónómicos em momentos fugazes, da seguinte maneira: "Ao falarmos de retratos formais convém considerarmos que raramente consegue-se da criança que esta per-

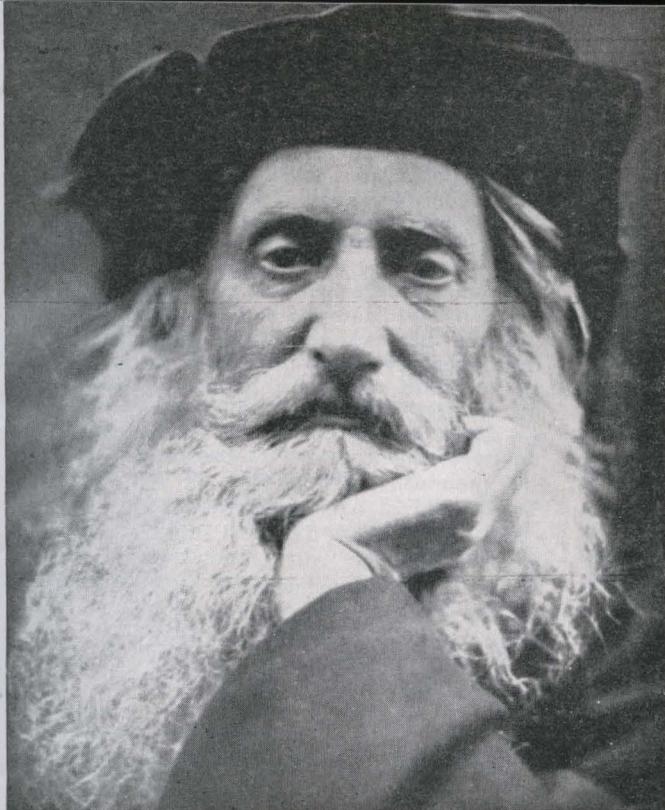
maneça em "pose". Geralmente o que se consegue é o instantâneo. O sr. Harold Lambert, no livro de sua autoria, "Child Photography", assim se expressa no fim da sua obra na secção, "o que fazer e evitar em fotografia de crianças":

"14 — Não obrigueis a criança a "posar" ou "representar" em frente à câmara a não ser que advenha certo prazer em assim proceder. "Roubai" as fotografias se assim tiverdes de fazer ao disparardes inespavelmente o obturador, porém não deveis assumir atitude despótica e causar expressões truculentas e desagradáveis." (2)

Há, também, outra tendência no género "retratos", expoentes da qual, embora não condenem totalmente essa técnica ou tendência moderna, lançam, por meio de comentários cheios de preconceitos, as razões de assim evitarem êsse recurso que alcança, actualmente, o seu ponto culminante no "flash" (3) electrónico (4), que se pode considerar já de bom êxito.

§ Perlustrando o número de 11 de Abril dêste ano de 1951 da revista inglesa, "Amateur Photographer", deparou-se-nos na secção "Pictorial Analysis", pequeno porém incisivo comentário da controvérsia que então julgáramos já terminada.

- (1) Se a ciência nos fala verdade, por eras infindas, nossa Terra, pelo menos para a percepção humana, permaneceu nua e crua — mera massa mineral. Com o correr do tempo esta aparente massa mineral cobriu-se de vida — de sensibilidade — de intellecto.
- (2) Harold Lambert, "Child Photography" — Little Technical Library — Chicago — New York; p. 93.
- (3) Deixamos de traduzir "flash" por considerarmos o vocábulo integrado na terminologia fotográfica em português (pelo menos no Brasil). O sr. Ribas Ferreira, em artigo publicado na revista "FOTOGRAFIA", de Janeiro-Fevereiro de 1951, escreve: "Lampadas-relâmpago" o que não deixa de ser crasso pleonismo.
- (4) Pelo menos para o público em geral.



"SIR HENRY TAYLOR"  
Julia Margaret Cameron (1867)

§ A controvérsia, em breves linhas, é a seguinte: os defensores de certa norma fotográfica (os pseudo-clássicos, adeptos do foco 64) afirmam que os retratos de hoje já não são tão "bons" quanto o são os conseguidos já há quasi um século atrás. Como exemplo citam os de Júlia Margaret Cameron e David Octavius Hill (5), que, segundo asseveraram os defensores, nunca foram igualados. Dizem estes que esses retratos "par excellence" constituem o resultante de exposições prolongadas que deram às fisionomias dos modelos um número infinito de expressões alternantes! Afirmam que resulta dessa técnica muito boa caracterização! A câmara fotográfica moderna é tão rápida que só capta ou registra no material sensível uma expressão fugaz que não é característica do modelo. Os retratos assim conseguidos têm atractivo momentâneo devido à sua vitalidade; perdem esse interesse dinâmico ou desvanecem-se esse atractivo com a fixação prolongada.

(5) Vide nota biográfica no fim do artigo.

(6) A Câmara constitue o primeiro instrumento que o homem haja desenvolvido que o habilita a reter a vida como esta realmente era.

## II

"The camera is the first instrument that man has evolved to enable him to hold life back as it really was."

"... attributed to Dr. Roger Manvell, Director of the British Film Academy, in a lecture delivered at "The Cambridge Conference - 1951", and reported in the "Amateur Photographer" - April 25, 1951."

§ Uma vez esboçada a controvérsia, em breves linhas, no capítulo anterior, passemos a analisar e dar a nossa opinião a respeito do assunto que esboçámos.

§ Ninguém, dos que se interessam pelo desenvolvimento da fotografia e deram-se ao trabalho de compulsar e folhear velhos calhamaços e catálogos antigos, contestará que nos primórdios os retratistas faziam os seus modelos passar por verdadeiro jôgo de paciência. Eram os grampos colocados por detrás da cabeça para bem fixá-la e garantir, por meio de objectivas ainda não aperfeiçoadas e pouco luminosas, a imagem do modelo, sem movimentos trémulos, no material sensível ainda

menos aperfeiçoado e de uma lentidão de estarrecer as próprias lesmas — se julgarmos e compararmos com os padrões actuais. A iluminação também dava muito que pensar. Fazia-se, às vezes, o próprio modelo passar por “maquillagem” que mais parecia “banho de cal” para mais facilmente garantir a impressão da imagem no material “sensível” de que se dispunha então. Só por meio de muita paciência tanto por parte do fotógrafo como do modelo conseguia-se resultado satisfatório. A fotografia ensaiava os primeiros passos; a sua pesquisa de modo racional porém paroquial, despertava, quando muito, o interesse de ou a curiosidade em poucos adeptos os quais dispunham de cabedais suficientes para “experimentar” por meio de sais ainda raros e caríssimos. A divulgação de métodos fêz com que aumentasse o número de curiosos e adeptos da fotografia. Com o correr dos tempos generalizou-se a fotografia, ou melhor, os seus adeptos, hoje, formam verdadeiras legiões. A alta industrialização por que tem passado a fotografia, devido a sua utilidade e favores que tem prestado ao homem nos inúmeros sectores onde é chamada a bem servi-lo, é que tornou realidade esta exuberante e pujante generalização. A industrialização para fins fotográficos tornou possível a especialização nos diversos sectores — química inorgânica, descoberta de sais para melhores resultados do material sensível — mecânica, câmaras fotográficas cada vez mais aperfeiçoadas — óptica, lentes mais luminosas e aperfeiçoadas no sentido de eliminarse distorções, aberrações cromáticas, etc., etc.

§ Há, também, na fotografia, outro factor importante que tem acompanhado de perto o seu desenvolvimento — o da iluminação. Nos primórdios a iluminação era a da luz natural. Com o aumento de sensibilidade das chapas — luminosidade das lentes —

aperfeiçoamento mecânico — o factor iluminação passou da luz natural, de sais de magnésio e lâmpadas “flash” às lâmpadas do “flash” electrónico, iluminação essa cujo aparecimento e propagação recente do seu uso faz prever um desenvolvimento ainda mais prático para uso mais generalizado.

§ Quem tem procurado acompanhar “de longe” o desenvolvimento da fotografia não se admirará das suas inúmeras facetas; no entretanto, o leitor ou indiferente ou desinteressado que se der ao trabalho de examinar os títulos e sub-títulos dos capítulos do livro recentemente saído dos prelos ingleses, “PROGRESS IN PHOTOGRAPHY: An International Record — 1940-1950”, da Focal Press, sob a orientação do editor geral D. A. Spencer, ficará pasmado tal a diversidade exuberante do seu desenvolvimento e intromissão na vida cada vez mais complexa do “homo-sapiens” do século vinte.

### III

“...we cannot fail to see that Victorian photography is far from being simply a matter of neglect and misuse of photographic principles and possibilities as they are preached to-day. Nor is it such a glorious example — to be lastingly upheld — of how to escape nobly to an Olympus of camera dreams from the lesser truth of snapshot reality.” (7)

A. KRASZNA-KRAUSZ, in the preface to “VICTORIAN PHOTOGRAPHY: Classics of Photography”, by Alex Strasser — Focal Press, 1942; p. 5.

§ E’ bem surpreendente que o desenvolvimento extraordinário, pujante e ininterrupto que tem tido a fotografia até os nossos dias pareça não ter significado algum para alguns críticos. Não devemos condenar esta ou aquela tendência ou norma fotográfica sem a analisarmos sem paixões — e sim o mais objetivamente que nos possível for — as razões deste ou daquele grupo. Em primeiro lugar convenhamos que fácil se tornaria, hoje, pelo menos para um Karsh ou Karl Pollack (8), igualar ou mesmo supe-

(7) Não podemos deixar de reconhecer que a fotografia da época victoriana (Inglaterra) está longe de ser matéria de descaso e mal-emprego de princípios e possibilidades fotográficas como se prega hoje em dia. Nem também constitue em si exemplo glorioso — que se deva resguardar permanentemente — como se fugissemos nobremente para um Olimpo de delícias fotográficas às verdades inferiores da realidade do instantâneo fotográfico.

(8) Retratistas sobranceiros de renome e consagração internacional conhecidos de sobejo por seus trabalhos distintos.

rar os resultados conseguidos por Júlia Margaret Cameron e David Octavius Hill, empregando, aqueles, métodos ou normas semelhantes aos empregados por estes — se achassem modelos com paciência suficiente para tanto. Comparando-se o material de que dispomos, hoje, com o que dispunham Júlia Margaret Cameron e David Octavius Hill então, seria não só desperdício inútil de tempo mas também faria essa norma retroceder cerca de um século o processo fotográfico. Somos de opinião que a própria Júlia Margaret Cameron e o próprio David Octavius Hill, caso fôsem eles nossos contemporâneos ou dispuzessem do material de que hoje dispomos não iriam proceder como se fôsem fazer retroceder cem anos a fotografia. Convenhamos que conseguiram resultados excelentes com o pouco que a fotografia então oferecia aos seus adeptos. O que lhes faltou em materiais supriram com a sua perícia e

gôsto ou pendor artistico; daí os resultados a que chegaram nos seus trabalhos e que ainda hoje constituem objecto de pasmo para muitos. Assim tem acontecido e ainda acontece em todos os sectores do progresso que o homem já atingiu. A. Kraszna-Krausz, prefaciando o livro, "Victorian Photography", de Alex Strasser, assim se expressa: "o homem que ainda forceja com os seus utensílios terá pouco cuidado pela qualidade. Só quando e onde a perícia se torna coisa rotineira e o manejo dos utensílios estabelecer-se em hábito dócil, disporá o artesão de força bastante e iniciativa para quaisquer diversões aditivas à mera feitura da obra. Não se pode escolher vocábulos enquanto se estiver sem fôlego. Na verdade, há inúmeras famosas excepções à tais regras. Há muitas obras de mestre que devem a sua existência e todo o seu poder expressivo aos esforços desesperados do artista num empenho total contra



"MISS CHALMERS AND  
HER BROTHER"  
David O. Hill (1843)

utensílios e substância.” (9). Isso, sim, para nós é cabível: todavia, “... com as exposições prolongadas que deram às fisionomias dos modelos um número infinito de expressões alternantes!” e o resto, “Afirmam que resulta dessa técnica muito boa caracterização!”, custa-nos muito a engolir tão falha de melhor explanação se acha.

§ Não obstante não dispormos de meios para provar em contrário, somos de opinião que com o material sensível muito lento que dispunham, há cem anos, aqueles adeptos da fotografia, muita chapa perderam por essas mesmas “expressões alternantes” até conseguirem resultado satisfatório de fisionomia “não alternante” que se nota nos seus próprios trabalhos. Quanta decepção não sofremos, ainda hoje, nesse pormenor, depois de verificarmos em uma dúzia de negativos, que alguns se acham “tremidos”, não obstante “exposições” de 1/50 e 1/100 de segundo.

§ A vida é série ininterrupta de momentos fugazes e nada mais interessante poder-se conseguir, por meio da fotografia de nossos dias — câmaras providas de telémetros, fotômetros, correção de paralaxe, lentes ultraluminosas, “flash” electrónico, material sensível já satisfatório, etc., etc., — as alterações fisionômicas fugazes por que passa o modelo defronte a essa câmara. Há cem anos isso seria impossível e talvez inacreditável poder-se conseguir. “Os que se dedicavam à fotografia tinham que se limitar a temas estáticos ou em repouso. Fotografia e fotógrafos tinham que se contentar com temas de alcance fácil: retratos, género de cenas ensaiadas e serenas paisagens. Todas tentativas para ultrapassar estes temas implicavam dura luta com condições ingovernáveis de técnica e mundo exterior.” (10)

§ Quanto não dariam ou que satisfação imensa não gozariam Júlia Margaret Cameron e David Octavius Hill (principalmente este último) para estarem de posse, mesmo para “pequena experiência” da câmara fotográfica e recursos fotográficos de nossos dias!

“Nothing will remain there for lesser disciples to seek. So, too, Victorian photography is a chapter closed. Admirable as a show-place, it should have a traffic a sign at the entrance; no thoroughfare for motor-cars, miniature cameras and other vehicles of twentieth-century speed.” (11)

A. KRASZNA-KRAUSZ, in the preface to “VICTORIAN PHOTOGRAPHY: Classics of Photography”, by Alex Strasser — Focal Press; p. 14.

#### NOTA ADICIONAL:

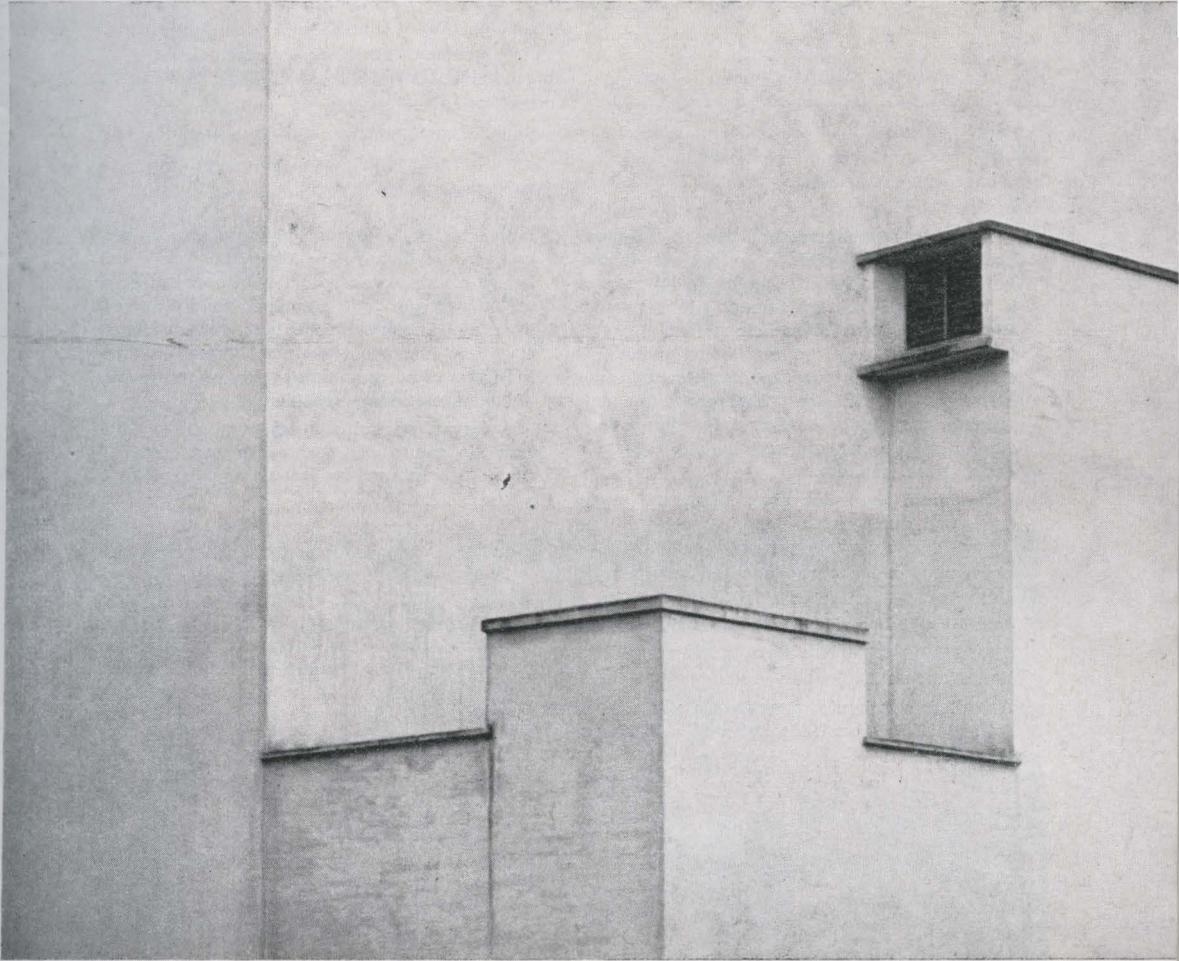
JÚLIA MARGARET CAMERON, nasceu em Calcutá em 1815 e faleceu em Ceilão em 1887. Passou-se para a Inglaterra no começo da época de 1860. Sua residência tornou-se ponto de reunião de intelectuais. Tornou-se adepta da fotografia em 1865. Fêz uso de câmara fotográfica de largas dimensões com uma lente de 12 polegadas e abertura fixa F-7. Cada exposição durava entre três a cinco minutos e expunha, às vezes, centenas de chapas para obter o resultado que almejava. Fortemente influenciada pelo círculo de intelectuais que a rodeava, muitos dos seus retratos constituem alegorias.

DAVID OCTAVIUS HILL, nasceu em Perth, Escócia e faleceu em 1870. Estudou arte em Edimburgo onde se estabeleceu como pintor. Em 1829 ocupou a posição de secretário da Academia Real Escocesa, cargo que exerceu por quarenta anos. Data de 1843 o seu interesse pela fotografia empregando o processo calitípa, preconizado por Fox Talbot. Como não entendesse coisa alguma de fotografia empregou o jovem químico Robert Adamson para tomar conta da questão técnica da fotografia. Em 1848 com o falecimento da Adamson terminou a obra fotográfica de Hill. A sua obra fotográfica grandiosa e abundante que ainda admiramos ter-se-ia perdido para a posteridade não fora a iniciativa de Annan e Coburn de re-fotografá-la antes que fôsse demasiado tarde. A. Kraszna-Krausz, assim de manifesta a respeito de Hill: “O gigante primitivo da fotografia victoriana que conseguiu todos os possíveis tons que o nosso instrumento poderia produzir. Não conhecia as limitações de sua câmara ou não as reconhecia ou não se importava. (A aparente suavidade e elegância das fotografias de Hill, como muitos as conhecem, é devido à publicação em demasia de impressos embelezados no fim do século dezanove).”

(9) VICTORIAN PHOTOGRAPHY: Classics of Photography, by Alex Strasser, Focal Press, 1942; pp. 9/10.

(10) A. Kraszna-Krausz, obra citada, pp. 8/9.

(11) Nada ficará lá para discípulos inferiores explorarem. Assim, também, a fotografia Victoriana é capítulo acabado. Admirável como lugar digno de visitaçào, deveria ter um sinal de trânsito à sua entrada: não se permitem nesta via automóveis, câmaras miniatura e outros veiculos velozes do século vinte.



"SIMPLES"

Aldo A. Souza Lima

# FORMA

GUILHERME Malfatti - F. C. C. B.

Poderíamos chamar de forma a composição mecânica de toda a arte; mas forma, realmente, significa a **maneira de apresentar** a concepção. Há na forma, naturalmente, uma expressão de superfície para a Pintura, um tratamento de volumes componentes na Escultura, e, por fim, o arranjo todo dos elementos na Música. Em geral, é mais cuidada para todos os fins a forma no desenho, afim de ser em seguida transportada em volume, cor, etc..

Cuidando aqui das artes plásticas, seguimos, por analogia, a parte do desenho na forma, que é a parte primária procurada. É claro que para a obra de Arte quase sempre a forma foi antecipada pela concepção e caindo as linhas sobre o plano há um período opcional de experiência, utilizado para auxiliar a apresentação.

O diamante bruto, quando era perfeito, já foi apreciado e exaltado antes do advento da

lapidação. A lapidação, portanto, deu ao diamante uma forma e nela exaltou toda a sua beleza e todo o seu valor. Não poderia quasi ser procurado um paralelo mais simples: Forma — a apresentação da arte concebida. É onde o Espírito encontra o elemento, também abstrato, de o ingressar na percepção de todos os nossos sentidos.

A forma, portanto, ainda tem que ser tratada do ponto de vista espiritual; naturalmente, como uma ponte entre o Espírito e a Matéria.

Podemos dividir a forma por toda a Geometria, o Nignola da Arquitetura Clássica, a Perspectiva, a Harmonia e quasi todo o protocolo. Voltando às artes plásticas, temos as duas expressões primárias que são a interpretação, baseada na tendência vertical e na horizontal. São, de um modo muito universalizado, o tronco da árvore e a terra. O círculo e a esfera nos parecem já, na sua idéia mais primitiva, a forma do Sol e da Lua, o ponto e o traço como elementos indispensáveis e básicos, e com eles todas as múltiplas variações de formas e conjuntos.

Trabalham ainda com estes elementos, dois sistemas de agrupamento e também um complexo destes dois sistemas: um, chamamos de agrupamento e o outro de ritmo. O agrupamento nos dá a idéia de reunião e o ritmo a de repetição; um procura colocar as massas numa relação ou exaltando o ponto principal de interesse, ou com o espírito de divagação procurando uma mais suave relação de posições cuidadosas afim de que a composição geral trabalhe com uma associação. Um é o monumento ao herói e o outro uma sinfonia; um o retrato e o outro o panorama; um o soneto e o outro o poema.

E o ritmo? Ritmo é a repetição harmônica de elementos e em base temos os ritmos verticais e horizontais. Os inclinados e curvos não passam de variações. O ritmo também acompanha uma forma concebida e

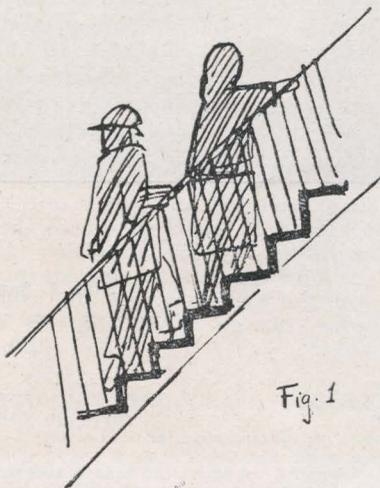


Fig. 1

temos os acelerados, alentados, crescentes e decrescentes, os que seguem uma frequência sinoidal e mesmo os adventícios, em parte da composição. A ponte, com os cabos suspensos no arco, ou a funicular, formam dois tipos de ritmo bem marcados no subconsciente de todos nós. Um ritmo musical muito conhecido, num crescente estupendo, é o “Bolero” de Ravél, e no “Barbeiro”,... “la calúnia é um verticello che commincia piano piano” tem também muitos adeptos de sua beleza.

Das tendências gerais passamos aos elementos materiais mais diretos ou sejam a expressão de volume, a expressão de distância e, finalmente, a expressão de superfície. Há as outras expressões que não são materiais.

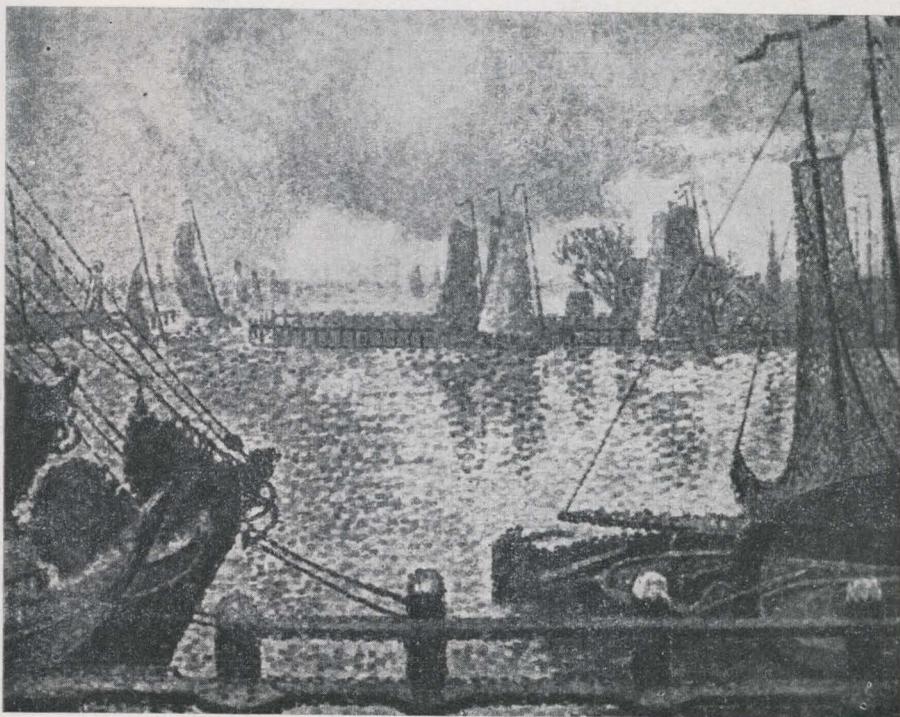
Na expressão de volume está o elemento básico da Escultura e no claro-escuro um dos elementos básicos da Pintura; na Arquitetura, o volume é o elemento que mais ajuda a dar expressão aos seus estilos.

Na fotografia, o claro-escuro tomou uma subtilidade tal que desbancou completamente a antiga gravura e ganhou a sua entrada



no campo das artes, tendo como elemento a luz e não a sombra pintada, subtraindo a luz. E, como é natural, ambas tendem a procurar o seu campo indisputado e livre de recíprocas competições. Na música os 7 volumes de som, e como o volume é importante no canto e na oratória, modular o volume com um ritmo não tem sido a chave da apresentação dos pontos culminantes de quasi tôdas as artes?

A expressão da distância, o ar, o espaço aéreo, a perspectiva. Na paisagem é onde este característico foi mais procurado. Quanto terá trabalhado Raphael afim de distanciar das suas Madonnas, a paisagem calma e indecisa da Terra Santa; mas no contraste entre o próximo e o distante não é que está



“LE PORT DE VOLENDAM”

Paul Signac (1896)

a sua maior dificuldade. Esta dificuldade de expressão cresce a medida que o assunto se aproxima do espectador. Anita Malfatti tem um Lazaro pintado deante da entrada de um subterrâneo e para fazer com que Lazaro estivesse fora e não encaixado dentro da entrada, exigiu uma série de considerações difíceis de analisar. Até no rosto de uma figura há uma relação de espaço, como é muito natural, a sua verdadeira interpretação fará com que uns planos necessitem vir para a frente ou que sejam mais afastados. A crítica, em pintura, usa a expressão de **sólida** a uma figura bem apresentada na sua relação de espaço e volume.

Passamos, finalmente, á expressão de superfície ou tratamento da face dos objetos representados. Chamamos de textura o tratamento dado ás superfícies. De um modo geral exprime ou o estado de rugosidade de uma superfície ou, em claro-escuro, o estampado, salpicado, etc. Uma superfície lisa e trataça de uma maneira que não ressaltem diferenças repetidas não possuem textura. Uma idéia de ritmo uniforme ou quasi uniforme a caracteriza. É importante explicar bem esta expressão superficial, visto ela ter

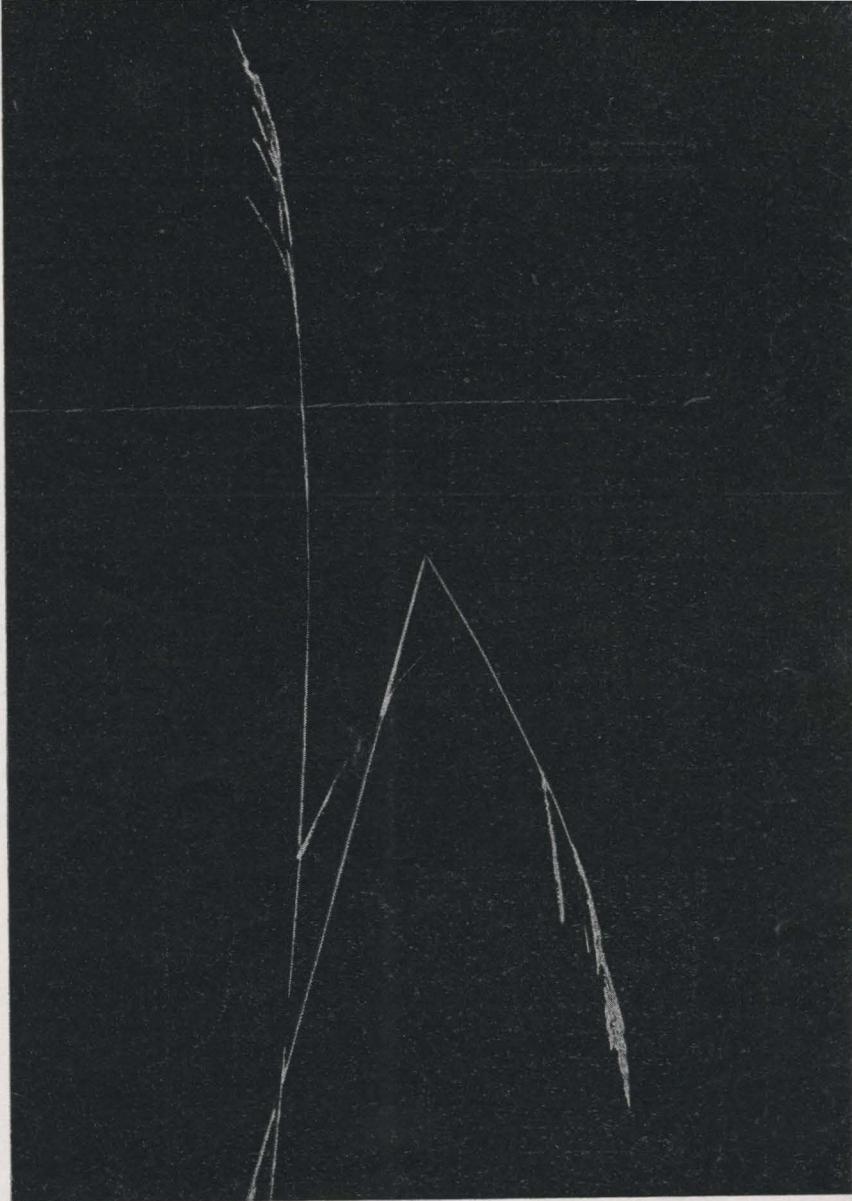
se tornado, com a escola impressionista, um dos característicos mais evidentes da individualização dos seus pintores. Alguns dão a tôda a tela a impressão de uma sucessão de manchas, outros de traços curtos, outros de grandes e espontâneas pinceladas e, afinal, o pontilismo não passa de u'a muito interessante expressão de superfície. Sendo a pintura a arte representada num plano é nela que havíamos de encontrar a textura com seu desenvolvimento mais interpretativo. Na fotografia é a textura mais procurada do que realmente creada; há as retículas, tecidos, etc. que, em casos especiais, são usados com sucesso quando procuram lembrar os processos da pintura. Há escultores que escondem a modelação espontânea debaixo de um granulado dando muitas vèzes realce á rotundidade da forma e esfumando até certo ponto a dureza dos perfis. Há na arquitetura também muitas expressões análogas.

Respeitados todos os efeitos intermediários podemos até certo ponto considerar a forma como: — volume, agrupamento de volumes, espaço, relação dos volumes no espaço, tom, relação de tons e textura. O ritmo usa de todos estes elementos e adquire com eles um característico próprio, acentuando a idéia do elemento intencional da composição.

(conclue na pg. 28)



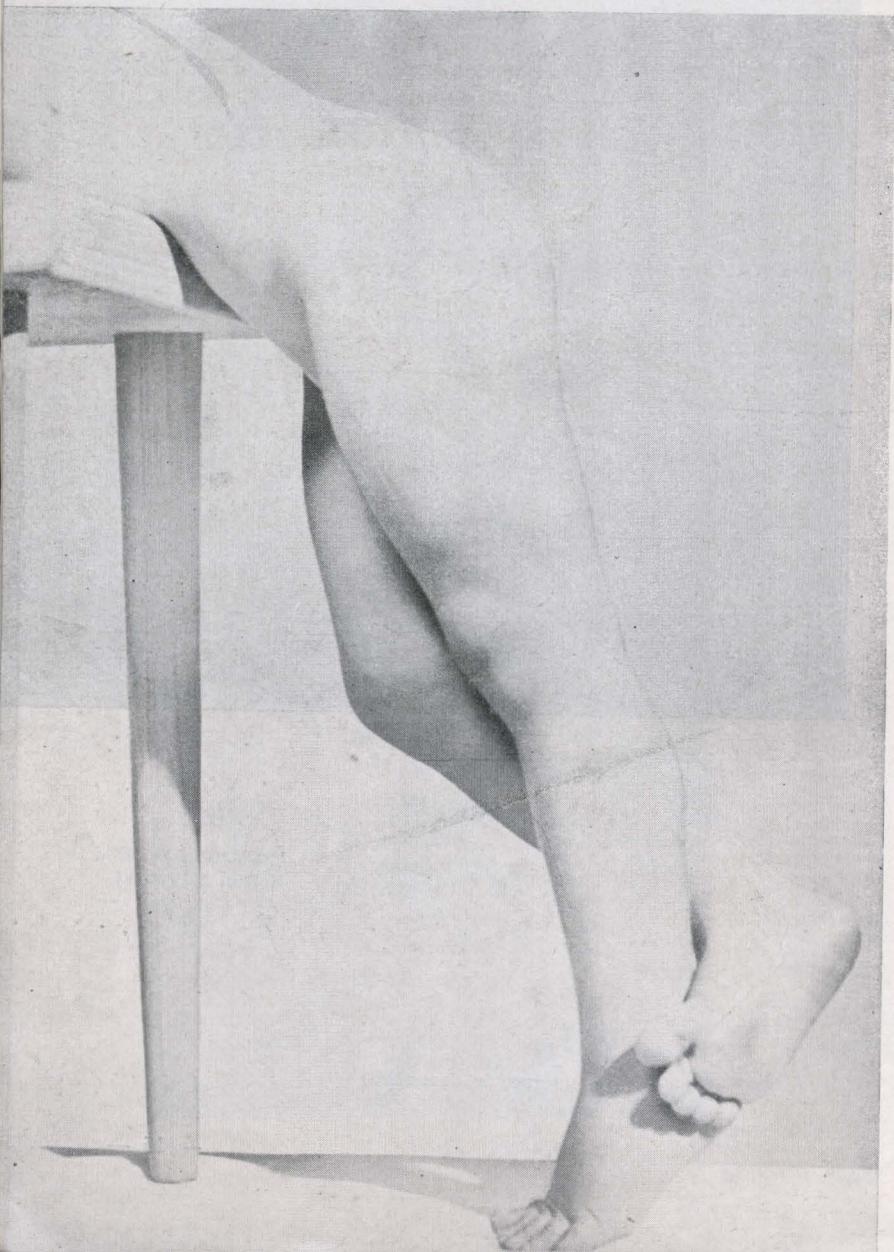
“LA ROUTE AUX CYPRES”  
Van Gogh (1853-1890)

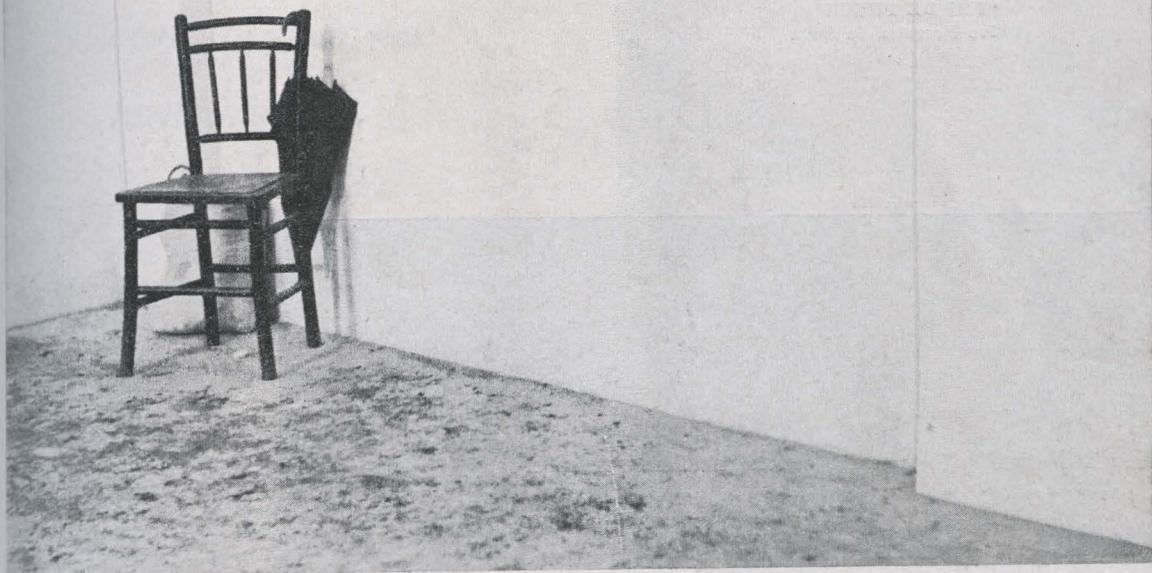


**"SIMPLICIDADE"**  
Nelson Kojranski

(Do concurso interno de dezembro)

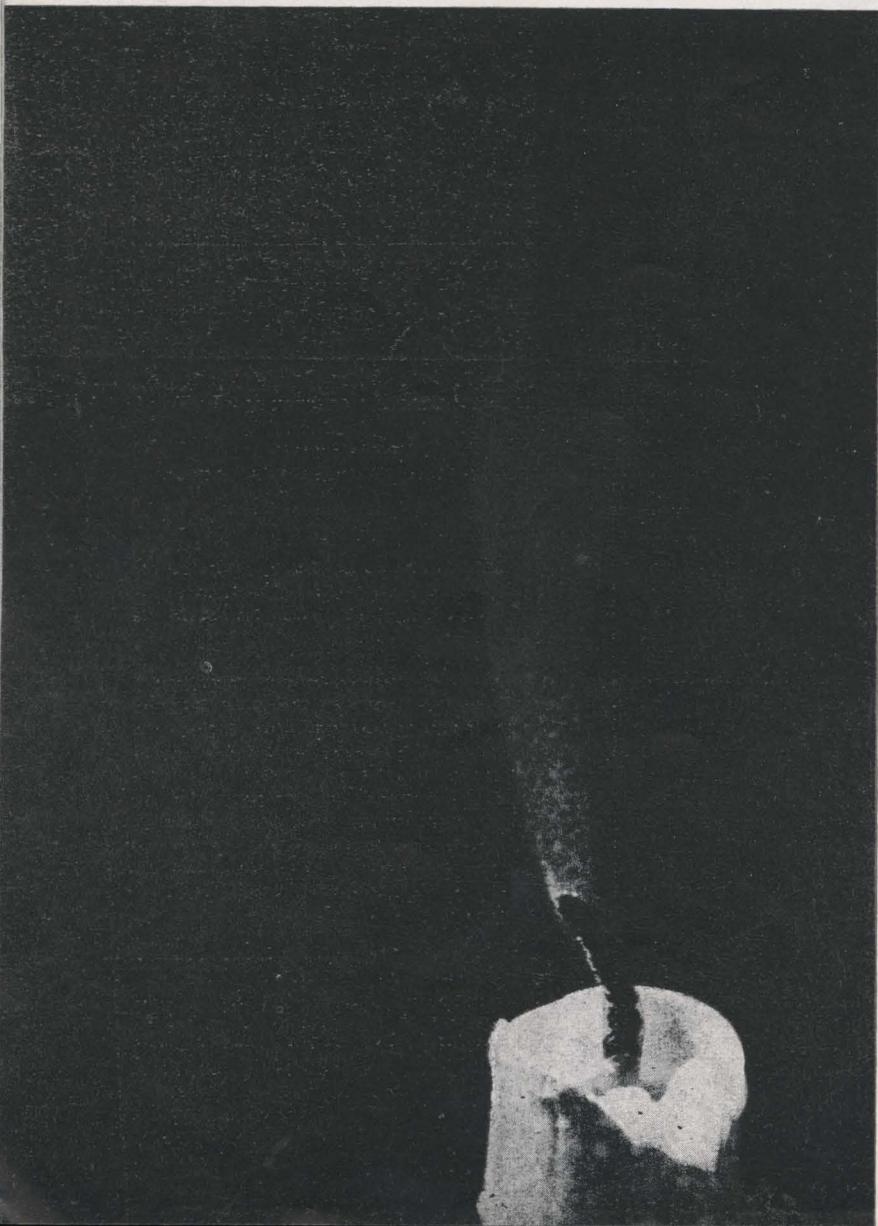
**"ESTUDO"**  
**Francisco Albuquerque**





"ESTUDO COM CADEIRA"  
German Lorca

**"FIM DE PRECE"**  
Ivo Ferreira da Silva



# Retratos de estudio com maquina miniatura

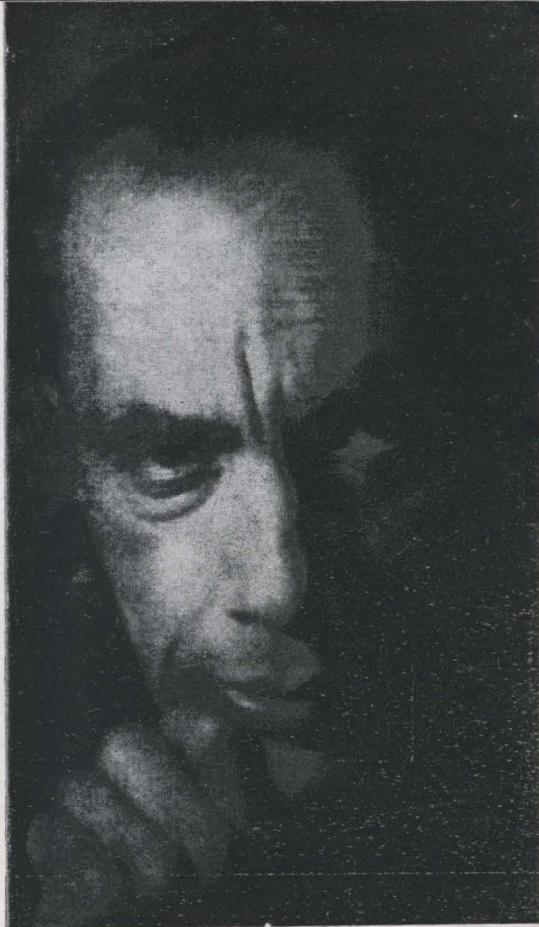
Para FOTO-CINE

Texto e fotos por  
**GEORGE AVRAMESCU**  
Trad. de B. MORS

A popularização da câmara miniatura com as suas objetivas intercambiáveis deu à fotografia possibilidades nunca vistas até então. Os pioneiros da fotografia de pequeno formato, Dr. Paul Wolf, Otto Croy, etc., demonstraram ser a câmara miniatura praticamente uma câmara universal. Com as objetivas de distância focal média (8,5 cm, 13,5 cm) a câmara miniatura se torna, além disso, uma dinâmica câmara para portrait.

Dizem que a ampliação do negativo miniatura é difícil (a questão do grão), que sem retoque do negativo não se conseguem bons portraits, etc.. Estes fatos só se confirmam em um único caso: quando se trabalha sem os devidos cuidados. Quem, porém, estudar a técnica da miniatura, e trabalhar conforme esta técnica, não encontrará dificuldade. Todo fotógrafo de miniatura teve as suas dificuldades a superar antes de conseguir bons resultados. Tendo eu trabalhado com miniatura durante 12 anos, discutirei este assunto no presente artigo, tratando particularmente da miniatura no estúdio.

**LUZES** — Afim de conseguir bons portraits com luz artificial, é necessária uma pequena instalação de estúdio: 2 refletores sobre suportes, cada um com uma lâmpada fotoflood de 500 Watt, um pequeno spot com lâ-



"MEDITATION"

Contax, Sonnar 13,5 cm. - f:5,6 - 1/2 seg.

pada de 250 W para iluminação da cabeça, e talvez um ou dois refletores de mão, cada um com uma lâmpada de 300 W.

**FUNDO** — Sòmente em casos especiais deve-se usar um fundo completamente branco porque os contornos ficam nítidos demais e a fotografia fica mal acabada na parte superior. Os melhores resultados se obtêm com um fundo cinza claro, ou ocre. O fundo ideal se obtêm iluminando-o com um refletor de mão e uma lâmpada de 300 W: os contornos ficam "soltos" e obtêm-se um bom efeito de conjunto.

**ILUMINAÇÃO** — A iluminação de um portrait é de importância primordial para o efeito pictórico que se deseja obter. E' preciso dosar a luz de tal maneira, que não apareçam sombras perturbadoras no rosto do modê-



Retrato obtido com Contax, Sonnar 1:2 -  
5 cm - f:2,8 - 1/25 seg.

lo. Pode-se mesmo afirmar que muitas lâmpadas estragam o portrait. Para a boa iluminação de um portrait são geralmente suficientes dois refletores com uma lâmpada fotoflood de 500 W cada. Quando se deseja obter uma iluminação extremamente suave, pode-se colocar um pedaço de gaze na frente do refletor. Isto, porém, exige uma exposição mais prolongada. Eu prefiro um iluminador suave, como se encontra nas casas do ramo. Para clarear as sombras usa-se um refletor com lâmpada fraca ou então um anteparo clareador que pode ser improvisado. Como iluminação de cabeça pode-se usar um pequeno refletor de mão com lâmpada ou um pequeno spot. O mais importante é que se proteja a objetiva contra a iluminação de cabeça por meio de um papel preto, afim de evitar reflexos. O tema iluminação deveria constituir um tema a parte, e escapa ao âmbito deste artigo. Em princípio,

a iluminação é sempre a mesma, quer se faça o portrait com uma câmara de estúdio ou com miniatura. Como regra geral, pode-se afirmar:

- 1 — a iluminação principal deve iluminar bem os olhos. Portanto, o refletor não deve nunca ficar muito acima do nível da cabeça.
- 2 — a iluminação principal não deve nunca, ou só em casos excepcionais, ser constituída de luz diretamente lateral, dividindo o rosto em duas partes.
- 3 — Os cabelos devem ficar bem iluminados, afim de obter bom detalhe.
- 4 — Iluminação tangente dá belos resultados, mas em estúdio apresenta muitas dificuldades.

TRIPÉ OU INSTANTANEO? — Uma câmara miniatura perde o seu dinamismo quando prês a um tripé. Deve-se portanto conservar o dinamismo da câmara miniatura, e aproveitá-lo também no estúdio. E' o que se consegue com a posição certa da máquina (v. figura). O fotógrafo deve ficar sentado numa poltrona, um pouco à direita do modelo. Deve ficar bem encostado, e apoiar o cotovelo esquerdo. Apoiando, nesta posição, a máquina contra a

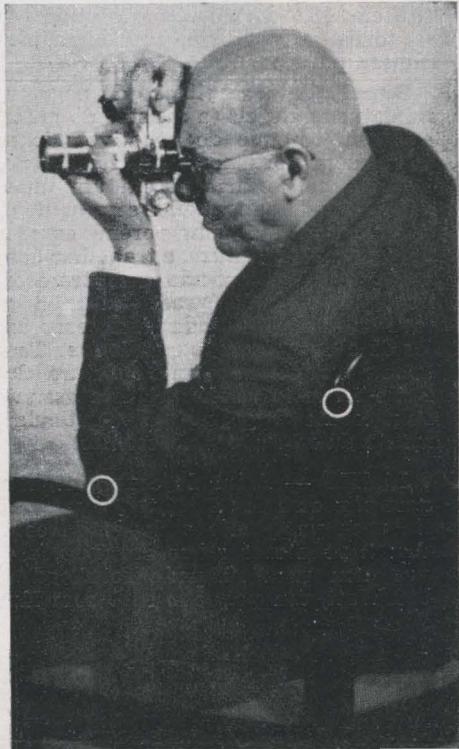


Fig. 1 — A posição do fotógrafo.

testa, obtem-se três pontos fixos e pode-se trabalhar perfeitamente com 1/10 e 1/5 de segundo, obtendo um número muito pequeno de fotografias tremidas. Como, com uma máquina miniatura, geralmente se faz maior número de fotografias do mesmo modelo, isso não tem maior importância. A posição da máquina permite um ligeiro movimento para a frente e para trás, seguindo os movimentos do modelo. Somente com esta posição pode-se variar o corte, à medida que o exige a posição do modelo.

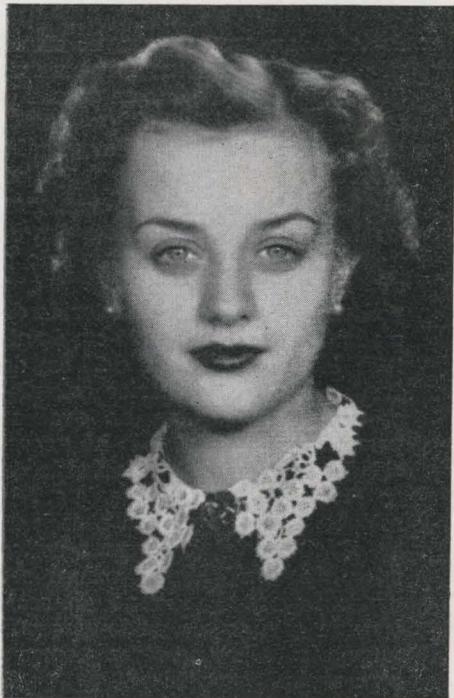
**FILME E EXPOSIÇÃO** — Com um filme de grão fino, p. ex. com 27° Scheiner, obtem-se os melhores resultados. Si a iluminação principal não fica a mais de 1m50 do modelo, pode-se dar uma exposição de 1/25 de segundo com diafragma 4,5. Pode-se, portanto, fazer instantâneos com os quais se obtém boas ampliações. Este tempo de exposição permite a revelação em grão fino. Para portraits de crianças usa-se um filme pancromático de 31.º Scheiner, e pode-se portanto, reduzir a exposição à metade. Tenho feito ampliações 30x40 de filme Gevaert Panchromosa, sem obter um grão visível.

**REVELAÇÃO** — Não se deve de maneira alguma usar os reveladores de grão fino que exigem uma exposição 3 a 4 vezes maior, como por exemplo, parafenilenodiamina. O mais importante nos portraits miniatura é o dinamismo. Com exposições prolongadas, porém, se obtém portraits forçados. Os modernos reveladores de grão fino não exigem exposição exagerada e dão bons resultados. Tenho conseguido muito bons negativos com a fórmula Gevaert G. 224:

água apr. ....	850 gr.
metol .....	6 gr.
sulfito de sódio anh. ....	85 gr.
borax .....	3 gr.
Rhodankalium .....	1 gr.
Brometo de potássio .	0,5 gr

tempo de revelação a 18°C: 8-12 minutos conforme a emulsão. Pode-se ampliar a mais de 30x40.

Subentende-se que é preciso ter uma boa técnica de revelação, e trabalhando sempre com o mesmo filme e o mesmo revelador, obter-se-á, após várias experiências, bons resultados. Mantendo a iluminação constante, pode-se obter uma exposição constan-



Retrato tirado com Contax, Sonnar 13,5 cm. - f:5,6 - 1/100.

te — e daí, tempo de revelação constante e densidade constante.

Procurarei resumir alguns conselhos práticos nos seguintes pontos:

- a. Medir a temperatura do revelador antes e depois da revelação. Si a diferença chegar a 3-4.°C, colocar o tanque num recipiente com água à temperatura desejada.
- b. Si a temperatura ambiente da câmara escura estiver elevada, acertar a temperatura do revelador 1 a 2 graus abaixo da temperatura desejada, pois a introdução do filme fará subir a temperatura do revelador.
- c. A diferença da temperatura do revelador, fixador e água de lavagem não deve ultrapassar 3.°C.
- d. Para lavar o filme, deve-se adaptar à torneira um filtro, constituído de um saquinho de pano cheio de algodão.

- e. Após a lavagem, passar no filme uma camurça ou esponja de viscosidade. Si o filme foi lavado com água filtrada, obter-se-á um filme limpo, que é a base para uma ampliação perfeita.
- f. O filme deve ser seco em ambiente isento de poeira. Como isso é praticamente impossível, recomendo o uso de uma estufa secadeira, que poderá ser facilmente construída de madeira compensada: 190 cm de altura, 35 cm de largura e 25 cm de fundo. Na parte superior estende-se um fio de arame, no qual se prendem os filmes. Não há necessidade de ventilação. No fundo da estufa coloca-se um pouco de sal de cosinha, coberto com um pedaço de papel. O sal irá absorver a maior parte da humidade, e poderá ser usado novamente depois de seco. Usando esta estufa, pode-se continuar a trabalhar na câmara escura, sem prejudicar o filme.
- g. O filme seco deve ser enrolado — com as mãos bem limpas — com a

emulsão para fora, e deve ser guardado enrolado em papel branco.

**RETOQUE DO NEGATIVO** — Os negativos miniatura podem também ser retocados, contanto que se trabalhe com os devidos cuidados. Procedese da mesma maneira que para filmes maiores, sendo, porém, necessário usar uma lupa para obter um bom retoque.

**AMPLIAÇÃO** — Quando se dispõe de filmes bem expostos e bem revelados, a ampliação não apresenta dificuldades. Quando se dispõe de um ampliador no qual o filme é colocado entre dois vidros, deve-se tomar cuidado para que o vidro seja isento de poeira. O ideal é usar uma máscara sem vidro, mas neste caso é necessário que o filme seja perfeitamente plano. Para isso, é suficiente enrolar o filme, depois de seco, com a emulsão para fora, e deixá-lo assim durante um dia. Deve-se revelar as ampliações com a fórmula indicada pela fábrica do papel.

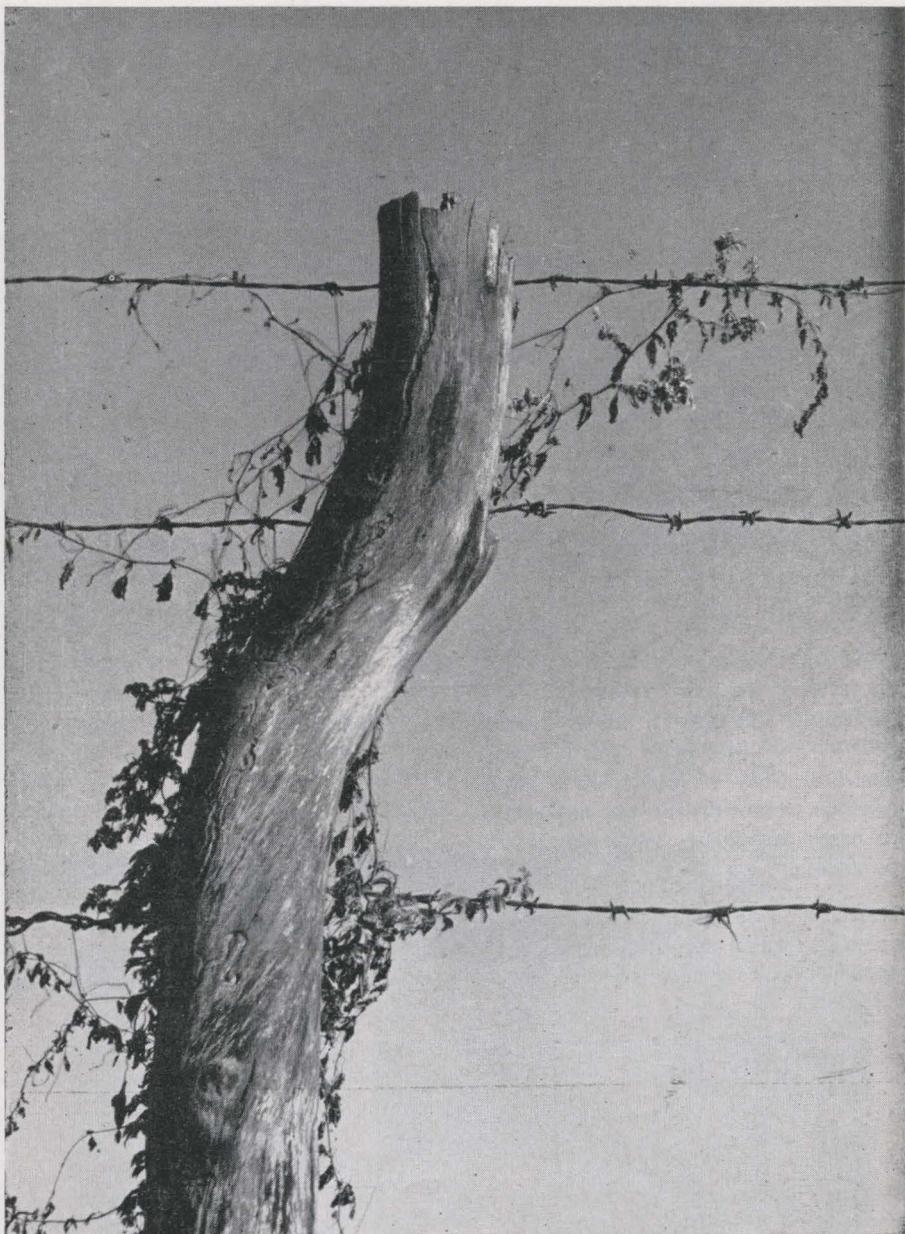
O emprêgo de filtros "Duto" pode ser muito útil. Eu uso n.º 0, mas apenas em parte da exposição total. E' preciso fazer provas com luz branca, para obter bons resultados. Depois de revelada, a prova é colocada no fixador, podendo-se acender a luz branca após 5-10 minutos, para julgar o efeito.

O corte e o retoque do positivo são feitos como sempre.



"CHOVE AINDA?"

Contax, Sonnar 1:1,5 - f:2,8 - 1/25 c/Microgran  
17/10 Din.



"O MOIRÃO"

M. Laert Dias

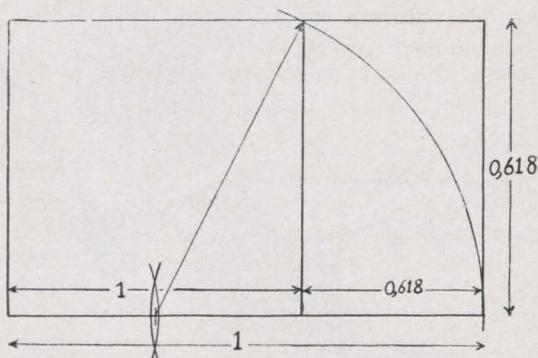
# O Que é o “Corte de Ouro”?..

JOHN S. ECHERSLEY

O “corte de ouro” (regra adotada pelos artistas na divisão do quadro) teve origem na Grécia Antiga. Os artistas daquela época descobriram que o melhor corte para um retângulo, isto é, a proporção de um lado para com o outro, era de 1 para 0,618.

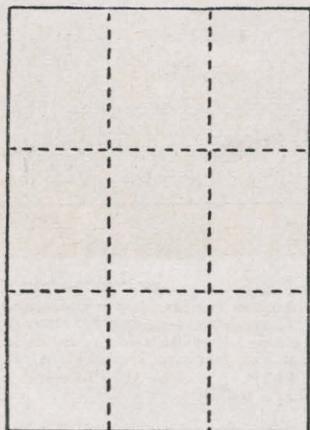
Isto quer dizer que se o lado maior de um retângulo mede 100 cts., o lado menor deve medir 61,8 cts.; se o lado maior é unidade, o outro lado é 0,618. Os gregos acharam que um retângulo com essas proporções tinha equilíbrio e balanço.

Nestes dias de pouco tempo e abreviações se alguém pergunta aos “barbalongas” onde deve-se colocar o centro

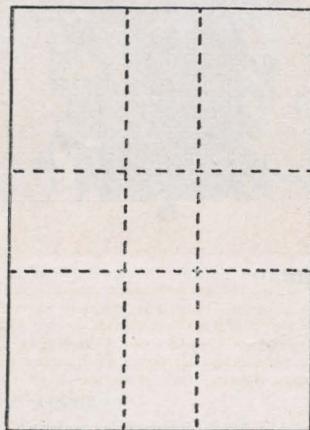


Retângulo do “Corte de Ouro”

de interêsse duma fotografia, a resposta provavelmente será que deve-se colocá-lo no cruzamento de têrças. O cruzamento de têrças é, porém, sinal dos tempos. Originalmente, estas proporções não eram de 1 para 0,667, que é a proporção dos 2/3, mas sim de 1 para 0,618. O ponto ideal para o centro



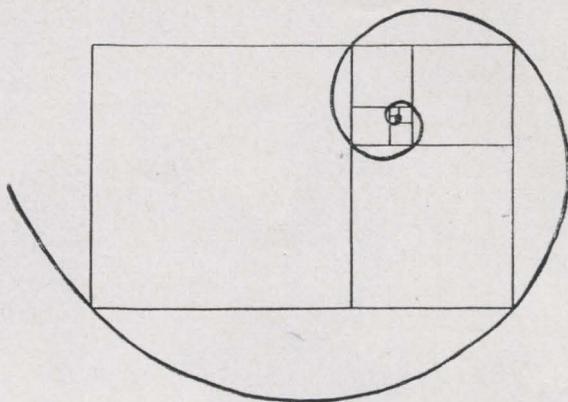
O cruzamento de têrços.



O cruzamento dos “médios de ouro”.

de interesse é, então, no cruzamento dos “médios de ouro”. Isto se aplica a qualquer retângulo, não só ao “corte de ouro”.

Tudo isso nada tem de muito alarmante, mas os gregos antigos, procurando provas para sua teoria, descobriram que o desenvolvimento da natureza era na proporção de 1 para 0,618! Dúvida? Pois é certo! Veja este exemplo: na figura 3 vemos um retângulo com o “Corte de outro”. Este é dividido por um “médio de ouro” formando um quadrado (o “quadrado gigante”) e outro retângulo de “Corte de ouro” e assim por diante cada retângulo sendo dividido por sua vez “ad-infinitum”, e os quadrados assim formados, girando sobre um ponto central. Agora, se os cantos mais distantes do ponto central de cada quadrado gigante são juntados com uma linha,



A espiral do caracol

formar-se-á uma espiral. Esta espiral progride na proporção de 1 para 0,618 e é esta espiral que vamos encontrar nas “casinhas” do caracol e do caramujo! Outro exemplo, que é muito fácil de averiguar, é os ossos dos dedos, cada um sendo 0,618 do outro. E como se isso não fosse suficiente, os gregos antigos também nos contam que tôdas as cousas vivas deste mundo crescem na proporção de 1 para 0,618!



O tradicional beberete com que os bandeirantes saudam a entrada de um Ano Novo, teve, este ano, maior significação, pois lhes foi dado contar com a presença do Dr. CHAKIB JABOR e Sr. FRANCISCO AZSMAN, respectivamente Presidente e Diretor Técnico da Associação Brasileira de Arte Fotográfica do Rio de Janeiro. No clichê, os ilustres visitantes posam para o Boletim, ladeando os Srs. Aldo A. de Souza Lima, Dr. Maurice Van de Wyer, Pres. da FIAP, Arnaldo M. Florence e Eduardo Salvatore, do F. C. C. B.



## *Natal Bandeirante*

Já se tornou uma tradição a visita do "PAPAI NOEL" ao F. C. C. B., onde é aguardado ansiosamente, todos os anos, pela petizada (e também pelos papais e mamães!...) bandeirantes.

O Bom Velhinho lá esteve novamente, neste fim de ano, e, como é natural, foi recebido com ruidosas e efusivas manifestações de alegria por parte dos associados e seus filhinhos que lotavam completamente as dependências do lindo palacete da R. Avanhandava.

Houve tarta distribuição de valiosos brinquedos e gostosos bombons, sorteios de brindes, para grandes e pequenos, e não faltaram também alguns belíssimos números musicais e cômicos proporcionados pelos inteligentes e pequeninos artistas dos cursos do Prof. Leo Ivanow, entusiástica e merecidamente aplaudidos.

Os clichés estampam flagrantes dessa linda festa que deixou nos corações de quantos a assistiram, as mais gratas recordações.





Alcançou expressivo êxito a cerimônia inaugural do II Salão Campineiro de Arte Fotográfica, conforme podemos verificar dos clichês que estampamos, no primeiro dos quais vemos nosso companheiro Arnaldo M. Florence ao dirigir uma saudação aos colegas do F. C. C. de Campinas, e em seguida um aspecto da solenidade.

## Atividades Fotográficas no País

### II Salão Campineiro de Arte Fotográfica

Foi solenemente inaugurado no anfiteatro do Teatro Municipal de Campinas, na noite de 5 de janeiro corrente, o II Salão de Arte Fotográfica promovido pelo prestigioso Foto-Cine Clube daquela localidade. O certame registrou mais um expressivo sucesso da esforçada entidade campineira, dela participando as principais associações fotográficas do país com um total de 354 trabalhos inscritos, dos quais foram admitidos 146, pelo júri que esteve assim constituído: Presidente de Honra: Dr. Maurice Van de Wyer, Pres. da FIAP; Membros: Alexandre Messias, Pres. do F. C. C. C.; Dr. Eduardo Salvatore e Dr. José V. E. Yalenti, Pres. e Vice-Pres. do F. C. C. B.; Kasys Vosylius e Dr. José Maria Bicalho, Diretor fotográfica e sócio fundador, respectivamente, do F. C. C. C.. Segundo o regulamento do Salão, ao melhor trabalho apresentado por sócio do F. C. C. de Campinas, é atribuído o "Prêmio Hercules Florence" o qual foi êste ano conquistado pelo Sr. Ademair Manarini, também filiado à entidade bandeirante, com o magnífico retrato, "Estudo a Rembrandt".

A solenidade de inauguração do certame, constituiu um verdadeiro acontecimento social, a ela comparecendo as altas autoridades daquela cidade, bem como numerosa caravana de associados do F. C. Bandeirante e do F. C. Sancarlenense, chefiados pelos respectivos Presidentes, além de elementos de destaque da sociedade campineira. Está, pois, de parabéns, o Foto Cine Clube de Campinas, pelo justo êxito alcançado por esta segunda apresentação do seu Salão.

### Foto Clube do Espírito Santo

Registramos com o máximo júbilo a posse da nova diretoria dessa prestigiosa entidade, presentemente assim estruturada: Presidente - Dr. José A. Rebouças (reeleito); Vice-Presidente - Dr. Roberto Rodriguez Viana (reeleito); Secretário - Dr. José do Patrocínio M. de Oliveira; Tesoureiro - Pedro Fonseca;

Diretor de Concursos - Magid Saade; Diretor Técnico - Mancel M. Rodrigues; Diretor Social - Dr. Aurino Quintais. O Foto Clube do Espírito Santo vem denotando, desde os primórdios de suas atividades, uma preocupação associativa e um espírito de equipe, do mais elevado quilate. A sua atuação por ocasião da 1.ª Convenção de Arte Fotográfica, tendo sido das mais proveitosas, granjeou-lhe, bem como ao seu Delegado, Dr. Roberto Rodriguez Vianna, a absoluta simpatia de todos os participantes do certame, donde o nosso contentamento em vermos reconduzidos aos cargos de maior responsabilidade, nomes de tanto realce no cenário clubístico nacional.

(Continua na pg. 30)



Várias entidades fotográficas do Estado se fizeram representar na inauguração do Salão Campineiro, entre os quais o F. C. C. Sancarlenense e o F. C. C. Bandeirante, cujos Presidentes, Dr. Ulysses F. Nunes e Dr. Eduardo Salvatore, foram colhidos, neste flagrante, em companhia do Sr. Alexandre Messias, Presidente do F. C. C. de Campinas.

## FORMA (conclusão)

Não foi até agora nem de leve mencionado que a forma, de uma maneira básica deva sempre imitar a natureza; pois, a arte é sempre uma interpretação posta em forma e nem sempre a forma de uma forma. O que interessa é saber como foi utilizada a forma na interpretação da Arte.

A música moderna tem tirado da sua textura toda uma interpretação desconhecida na música dos tempos românticos; a sua forma, no geral, caminha para uma total libertação. Haverá mais surpresas para a arte, de futuro!

Há já uma novidade a ser ressuscitada, que é a **forma símbolo**. A primeira linguagem escrita foi a dos egípcios, onde um objeto

simbolizava uma idéia! e esta idéia tinha uma interpretação fixa e universal. Assim, a mais antiga maneira chinesa de forma: as suas múltiplas caligrafias. Na invasão do México encontraram os civilizados navegantes, até leis em hieróglifos e quando vieram os reforços com sua armada, deram a Cortez todos os mais minuciosos detalhes.

Há uma tendência da pintura e escultura moderna para a forma-símbolo. Quando é bem aplicada, deve ter interpretação universal, tornando-se mais difícil de interpretar nos casos caracteristicamente regionais e, às vezes, quasi impossível nos estados de alma, puramente individualizados. A 1.<sup>a</sup> Bienal de S. Paulo, apresentou uma grande série de exemplos, alguns até maliciosos!

---

### O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

#### 4.º Salão de Bangalore, Índia - 1951

Também na longínqua Índia, puderam os aficionados da fotografia admirar os trabalhos dos amadores brasileiros, através das representações que o F. C. C. Bandeirante e a A. B. A. F., do Rio de Janeiro, enviaram ao 4.º Salão Internacional promovido pela Mysore Photographic Society, e no qual alcançaram expressivo êxito, tendo Francisco Aszmann, da ABAF, conquistado o "Prêmio Kodak", com o trabalho "Bois". A representação bandeirante, compreendendo 10 dos 19 trabalhos nacionais, foi assim constituída: "Vera" de F. Albuquerque; "Leletinha" de A. Castro Fº; "Crisandalias", "Paisagem nordestina", "Tranquilidade" e "Pão e vinho" de G. Gasparian; "Compasso" de K. Kawahara; "Portrait I" de A. Souza Lima; "Templo Oriental" e "Era atômica" de R. Yoshida.

### PAPELARIA DE PAULA S. A.

Artigos para escritórios - Artes Gráficas em geral - Artigos para desenhos e engenharia - Moveis para escritórios.

Rua 7 de Abril, 286  
Telefone 36-4678  
São Paulo

### ECOS DO X.º SALÃO. . . .

Conforme havíamos antecipado, também "PAULISTANIA" — a esplêndida revista que é um reflexo fiel das tradições e do espírito bandeirante — dedicou algumas páginas do seu número 42 (out. 1951) ao X.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de S. Paulo, reproduzindo vários dos melhores trabalhos nele expostos.

Do comentário que os acompanha, transcrevemos, com a devida vênia, o seguinte trecho final:

"Quem teve a oportunidade de visitar o último salão, deve ter notado a precípua preocupação do júri em estabelecer um equilíbrio de todos os gêneros, desde o discutido "table-top" até o retrato moderno, o estudo de formas.

Notou-se ainda, êste ano, uma inovação na realização do X Salão. Trata-se da incorporação da seção "color", cuja exibição inaugural teve lugar no salão de projeção do Museu de Arte, sendo as demais realizadas no próprio recinto da Galeria, atraindo milhares de visitantes e, naturalmente, outros tantos adeptos dessa interessante modalidade fotográfica.

\* \* \*

"Paulistania", publicando nestas páginas alguns dos mais expressivos trabalhos que figuraram no X Salão Internacional de Arte Fotográfica, congratula-se com os valorosos dirigentes do Foto-cine Clube Bandeirante, por terem conseguido realizar êsse esplêndido certame, que tão alto vem elevar a cultura artística de São Paulo."

## CONCURSOS INTERNOS

**A Classificação Geral de 1951** — Conhecido o resultado do último concurso interno de 1951, o Sr. Diretor Fotográfico levantou a classificação geral dos associados que concorreram aos mesmos, nas várias categorias em que se sub-dividem, resultando vencedores os seguintes:

### "SENIORS" —

- 1.º — Francisco Albuquerque, com 190 pontos
- 2.º — Aldo A. de Souza Lima, com 180 pontos
- 3.º — Eduardo Salvatore, com 100 pontos.

### "JUNIORS" —

- 1.º — German Lorca, com 240 pontos
- 2.º — Nelson de Souza Rodrigues, com 60 pontos
- 3.º — Eigiryô Sato, com 50 pontos.

### "NOVISSIMOS" —

- 1.º — Ivo Ferreira da Silva, com 710 pontos
- 2.º — Renato Francesconi, com 570 pontos.
- 3.º — Kazuo Kawahara, com 510 pontos.

**Promoções:** Nos termos do regulamento dos concursos internos, e tendo em vista os resultados alcançados foram promovidos para a classe de "juniors", os seguintes associados: Ivo Ferreira da Silva, com 710 pontos; Renato Francesconi, com 570 pontos; Kazuo Kawahara, com 510 pontos; Marçel Giró, com

450 pontos; M. Laert Dias, com 440 pontos; Jean Leçoq com 440 pontos; Nelson Kojranski, com 410 pontos e Sadaïoshi Tamura, com 400 pontos.

Aos vencedores das várias categorias, com os quais nos congratulamos efusivamente, serão conferidos valiosos prêmios.



## O CALENDARIO PARA 1952

Repetimos, a seguir, o calendário elaborado para os concursos internos do corrente ano de 1952, o qual inclui, como de costume, temas dos mais interessantes, a saber:

janeiro	—	Têma livre
fevereiro	—	"Textura"
márço	—	Têma livre
abril	—	"Figuras ambientadas"
maio	—	Têma livre
junho	—	"Arvores"
julho	—	Têma livre
agosto e setembro	—	Não haverá concursos interessantes com a realização do XI SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO
outubro	—	"Formas"
novembro	—	Têma livre
dezembro	—	"Solidão".

# COCKSHUTT

para todos os serviços de fazenda

Fabricado no Canadá  
Linha completa de implementos  
Garantia de peças e assistência  
técnica em todo o País.

## CIA. FÁBIO BASTOS

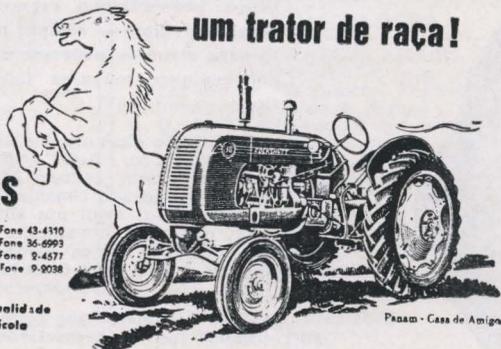
COMÉRCIO E INDÚSTRIA

RIO DE JANEIRO - Rua Teófilo Otttoni, 81 - Fone 43-4310  
SÃO PAULO - Rua Florência de Albrão, 998 - Fone 35-6993  
BELO HORIZONTE - Rua Tupinambá, 354 - Fone 9-4677  
PORTO ALEGRE - Av. Júlia de Castilhos, 33 - Fone 9-9038



O mais alto padrão de qualidade  
em equipamento agrícola

## — um trator de raça!



Panam - Casa de Amigos

## BOAS FESTAS

Por motivo do NATAL e ANO BOM, recebeu o F. C. C. B. e esta revista, os votos de BOAS FESTAS das seguintes entidades e pessoas amigas, às quais agradecemos e retribuimos: Delmiro de Carralt, Pres. da União Internacional de Cinema Amador, Barcelona, Espanha; George Avramescu., Arad, Rumania; Rita Connolly, (Camera Magazine), Est. Unidos; G. Azad, Damas, Siria; J. Hellers, Est. Unidos; Associação dos Fotógrafos Profissionais do Rio Grande do Sul; Associação dos Reporters Fotográficos do Estado de S. Paulo; Círculo Paulista de Orquidófilos; Srs. Dr. Djalma Gaudio, Bellini de Andrade e Frederico Sommer, do Rio de Janeiro; Carlos Giaxa, de Baurú, S. P.; José Mikauwa, de Rib. Preto, S. P.; Dr. Joaquim da Silva Mendes, Gabriel B. Moura, Arnaldo Ruic, J. J. Roos, José Godofredo Carvalho, Sergio Trevelin, desta Capital; Aba Film, de Fortaleza, Ceará; Foto ABE, de Olímpia, S. P.; Kosmos Foto, Agência Editora Iris, Gráfica Monopol, Empreza Mercurio de Marcas e Patentes Ltda., Cia. T. Janer, Gráfica Brescia, e Papelaria e Tipografia Andreotti, desta Capital.

## ATIVIDADES NO PAÍS... (conclusão)

### II Salão Sergipano de Fotografia

Notícias que nos chegam da pitoresca Aracaju, informam-nos que foi aberto ao público, a 9 de dezembro último, o II Salão promovido pela agremiação local, a qual, apesar de nova ainda, vem se impondo como uma das mais ativas e prestigiosas do país. O certame, como o anterior, alcançou feliz êxito, dele participando 320 trabalhos, sendo admitidos 214 de 109 concorrentes, filiados a 10 fotoclubes nacionais.

Aos colegas da Sociedade Sergipana de Fotografia, as congratulações dos bandeirantes.

### I Salão Mineiro de Arte Fotográfica

Nascido em agosto de 1951, já em dezembro último, promovia o Foto Clube de Minas Gerais, o seu I Salão, prestigiado com as representações de nove das mais importantes entidades do país, além da agremiação promotora do certame, a qual não poupou esforços para que o Salão estivesse á altura das tradições artísticas do Estado montanhês. E, não resta a menor duvida, êsses esforços foram coroados de pleno êxito, apresentando o Salão, um total de 179 trabalhos assinados pelos nomes mais em evidência na arte fotográfica brasileira contemporânea. Foi um princípio deveras auspicioso e que, estamos certos, contribuirá para que o novel Foto Clube de Minas Gerais logo esteja ombreado com os seus congêneres mais antigos. São os votos que por nosso intermédio expressam os associados do F. C. C. Bandeirante.

## A LÂMPADA "FINELUX"



"Como é fácil o manejo do seu flash!" — é a afirmação geralmente contida nas incontáveis cartas que amadores de todo o mundo enviam á CIA. FINETA — Alemanha, produtora da lâmpada "FINELUX".

Com efeito, conforme pudemos verificar do exemplar que essa firma teve a gentileza de nos enviar, o aparelho em questão se caracteriza pelas seguintes notáveis qualidades:

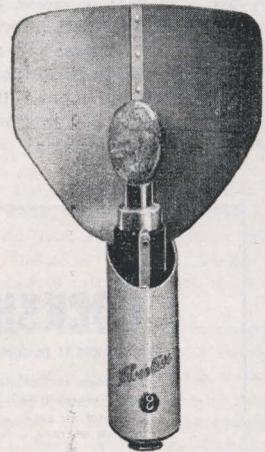
- extrema leveza e simplicidade —
- ocupa pequeníssimo espaço —
- manejo facilissimo — sempre pronto para atuar — pode ser usado em qualquer máquina fotográfica.



De apresentação elegante, em estejo tipo "prontidão", o "flash" "FINELUX", fechado, tem apenas 35x130 mms. e pode ser levado comodamente em qualquer bolso. Com um simples apertado de um botão, arma-se o refletor, que pôde novamente ser recolhido no próprio tubo do aparelho. Ele pode ser equipado com uma pilha comum de 3 watts ou, conforme o caso, com duas baterias americanas de 1,5 volts cada uma.

Existem 3 modelos que podem ser usados em tôdas as câmaras, sincronizados com os respectivos cabos Compur 3 e 3,8 mm., bem como os cabos ASA para as câmaras americanas.

A lâmpada "FINELUX" é encontrada em tôdas as boas casas de ramo.



# CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1952

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1952, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consócios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, a relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do Salão	Denominação — Local — País	Circuito	Data de entrega no Clube
11.º	BARCELONA - Espanha - (Agr. Fot. Cataluna)	Panticoza, Madrid	10 janeiro
4.º	WASHINGTON - EE. UU.	— — — —	20 janeiro
	C. S. - Inglaterra (Combined Society)	Lincoln, etc	10 fevereiro
10.º	BIENNAL - TURIM - Itália	— — — —	15 fevereiro
5.º	S. SEBASTIAN - Espanha	Zaragoza	1 março
5.º	MYSORE - BANGALORE, India	— — — —	15 março
8.º	BUENOS AIRES - Argentina	— — — —	20 março
6.º	LUXEMBURGO -	— — — —	5 abril
5.º	DINAMARCA	— — — —	10 abril
19.º	"IRIS" - ANTUÉRPIA, Bélgica	Bruxelas	15 abril
6.º	PANTICOZA - Espanha	Barcelona	— — — —
13.º	TRES ARROYOS - Argentina	— — — —	20 abril
	CRISTCHURCH - Nova Zelandia	— — — —	30 abril
9.º	"IRISH" - DUBLIN, Irlanda	— — — —	5 maio
55.º	"SCOTTISH" - Escocia	— — — —	16 maio
43.º	LONDRES - Inglaterra	— — — —	20 maio

## INDICADOR PROFISSIONAL F. C. C. B.

### ARQUITETURA

DR. GUILHERME MALFATTI  
R. Marconi 53, 9.º and. s/904 - fone: 34-2976

### DIREITO

EDUARDO SALVATORE  
(advocacia civil e comercial)  
Praça da Sé 313 - 2.º and. s/19 - fone: 33-5404

JOAQUIM DA SILVA MENDES  
(Advocacia Trabalhista)  
R. São Bento 181, 3.º and. - fone: 32-0012

### FOTOGRAFIA

FRANCISCO ALBUQUERQUE  
(Retratos, fotografia industrial, etc.)  
Av. Rebouças, 1700 - fone: 8-7650

IVO BARRETTI  
(Reportagens em geral)  
fones: 34-9859 e 36-1157

### IMOBILIÁRIA

DR. ALFIO TROVATO  
(Transações Imobiliárias em geral)  
R. Quintino Bocaiuva 231, 5.º and., s/34

### MEDICINA

DR. ARMANDO NASCIMENTO JR.  
(Molestias de Senhoras)  
Av. Brigadeiro Luis Antonio 1234  
fones: 35-1899 e 32-2902

DR. FREDERICO SOARES DE CAMARGO  
(Doenças do coração)  
R. José Bonifácio 250, 12.º and. - fone: 33-5424

DR. PAULO MINERVINI  
(Molestias do pulmão - Raio X)  
R. 7 de Abril 176, 7.º and. - fone: 34-9614

### ODONTOLOGIA

DR. CARLOS LIGER  
(Cirurgião-Dentista)  
Dentaduras Anatômicas, Pontes Moveis,  
Coroas de porcelana Jacket - Raios X.  
R. B. de Itapetininga 50, 2.º and., s/201/208  
Fone: 34-2655

### SEGUROS

ALDO A. DE SOUZA LIMA  
(Seguros Gerais)  
Rua Boa Vista 236, 3.º andar  
Fones: 32-7580 e 33-3228

### VÁRIOS

TUFY KANJI  
(Camisaria Kanji — camisas sob medida —  
R. 7 de Abril 415 - fone: 34-8203  
Artigos finos para cavalheiros).

# OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se à disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anúncio mensal será gratuita.

ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, tôda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

ROLLEIFLEX — Vende-se uma, nova, com Tessar azulada, 1:3,5. Preço de ocasião. Tratar pelo telefone 36-3310, das 8 às 11 horas.

VENDE-SE duas banheiras de ferro esmaltado, em bom estado, no tamanho de 50x60 — Preço Cr.\$ 400,00 — Tratar á Rua Galvão Bueno, 40 — Telefones 36-2590 ou 7-4114, com Wilson.

VENDO — ROLLEIFLEX, novíssima. Obj. Tessar 1,3,5 azulada. Tratar na Secretaria do F. C. C. B. — fone 32-0937.

Mecânica de Precisão — Peças e Máquinas em geral — Cine-Foto — Fabricação e Consertos.

★

**OFICINA J. F. STAUFFER**

Técnico da Paillard (Suíça)

★

RUA MATIAS CARDOSO, 316  
(Brooklyn Paulista)

Cx. Postal, 5868 - Recados: fone 36-5308  
(Laboratório Geyer) - São Paulo

**BONS CLICHÉS**

PARA OBTER



**FORTUNA** & CIA L<sup>DA</sup>

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 32-3492  
SÃO PAULO



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

# FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

## ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.

★

Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.

★

Sala de leitura e biblioteca especializada.

★

Excursões e concursos mensais entre os sócios.

★

Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.

★

Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

## DEPARTAMENTOS:

Fotográfico

Cinematográfico

Secção Feminina.

★

	Cr.\$
Joia de admissão .....	50,00
Mensalidade .....	20,00
Taxa extra mensal pró-séde própria .....	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ...)	320,00

★

Os sócios do Interior e outros Estados e da Secção Feminina gosam do desconto de 50%.

★

SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937

—

S. PAULO, BRASIL



EXCURSÕES

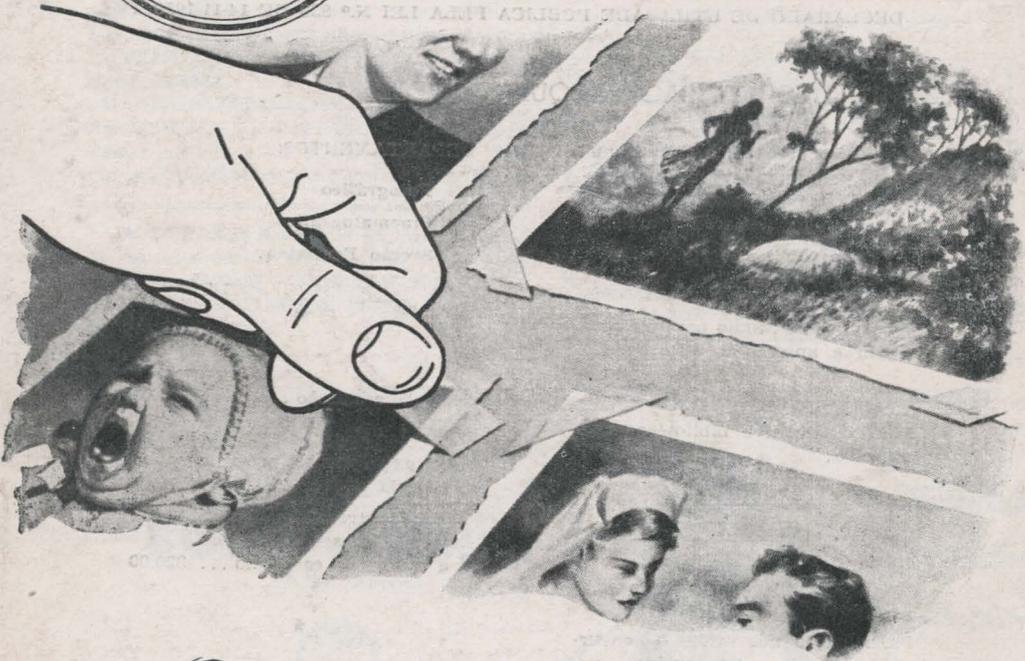


SALÃO INTERNACIONAL



**FILM**

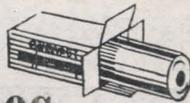
**guarda para sempre  
os momentos felizes...**



**S**im. Guarde para sempre os momentos de felicidade... para recordá-los, amanhã, no seu álbum de fotografias. Mas tenha o cuidado de preferir sempre um "bom filme" para obter, também, melhores fotos. Prefira todo material fotográfico e cinematográfico Gevaert, mundialmente famoso pela sua qualidade.

**Gevaert**

**filmes**



**Chapas — Papéis**

À venda nas melhores casas do ramo